

HISTÓRIA ABREVIADA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

A Academia Cearense de Letras foi fundada no dia 15 de agosto de 1894 em sessão solene realizada no salão nobre da Fenix Caixeiral. Foram fundadores da sociedade os seguintes intelectuais: Guilherme Studart, Justiniano de Serpa, Farias Brito, Drumond da Costa, José Domingues Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antônio Augusto, Pedro de Queirós, F. Alves Lima, Valdemiro Cavalcante, Antonino Fontenele, Tomás Pompeu, Raimundo Arruda, Álvaro Mendes, José Carlos Júnior, Virgílio de Moraes, José de Barcelos, Antonio Bezerra, Eduardo Studart, Adolfo Luna Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Antônio Teodorico, Valdivino Nogueira e Henrique Théberge.

Inspirada nos moldes da Academia de Ciências de Lisboa, após as discussões iniciais, ficou decidido que a nova sociedade deveria adotar o nome de Academia Cearense. Os estatutos previam um total de 30 membros, mas somente 27 fizeram parte do grupo inicial. O preenchimento das vagas que viessem ocorrer por morte, renúncia ou ausência de sócio por mais de cinco anos, deveria ser feito por eleição em escrutínio secreto.

A Academia Cearense foi fundada com os seguintes objetivos:

- promover os exames das doutrinas ou questões literárias e científicas da atualidade;
- acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos;
- esforçar-se por alargar a esfera da instrução superior e secundária do Ceará, devendo criar, manter ou auxiliar institutos profissionais e técnicos sempre que lhe fosse possível;
- procurar levantar a instrução primária, provocando pela imprensa ou oralmente a atenção dos poderes públicos para os variados problemas da educação, da pedagogia, dos programas e, em geral, dos assuntos que a ela se prendem;
- fomentar o gosto artístico e literário pelos meios ao seu alcance.

Era condição indispensável de admissão que o sócio houvesse publicado uma obra de real merecimento. Para boa ordem e facilidade de estudo das matérias que a Academia se propunha a tratar, o estatuto previa a formação das seguintes comissões:

- 1ª – ciências matemáticas e físicas;
- 2ª – ciências biológicas: higiene e médico-farmacêuticas;
- 3ª – ciências sociológicas: direito;
- 4ª – ciências sociológicas: antropologia, filologia;
- 5ª – ciências sociológicas: economia política, estatística, demografia, geografia e história;
- 6ª – ciências sociológicas: instrução pública e profissional;
- 7ª – ciências sociológicas: literatura e artes;
- 8ª – ciências sociológicas em geral: filosofia, história das artes.

Pode-se concluir que os fundadores da Academia Cearense tinham uma visão bem ampla e os objetivos da nova sociedade não ficaram limitados ao campo das letras.

A diretoria definitiva, eleita na sessão de 22 de agosto de 1894, era assim constituída:

Presidente:	Tomás Pompeu
1º vice-presidente:	Pedro de Queirós
2º vice-presidente:	Virgílio de Moraes (cargo criado posteriormente)
1º secretário:	Valdemiro Cavalcante
2º secretário:	Raimundo Arruda
Tesoureiro:	Álvaro Mendes
Orador:	Justiniano de Serpa.

A fase inicial da academia foi bastante ativa. Assim, no período de quatro anos foram realizadas 122 sessões, com discussões de importantes temas científicos e literários e apresentação de trabalhos de seus sócios. Em outubro de 1895 Guilherme Studart propôs à casa a elaboração de um livro que levaria o nome de ● *Ceará em 1896*, o qual abrangeria múltiplos aspectos do estado. O projeto definitivo foi apresentado em dezembro do mesmo ano e constava de duas partes: a primeira, sobre a estrutura física do solo, clima, salubridade, geologia, flora, fauna e topografia; a segunda, mais extensa, cuidaria, dentre outros aspectos, da população, língua, alimentação, habitação, higiene, cultura literária e artística, educação, indústria, comércio, organizações política, administrativa, militar e eclesiástica. Esse ambicioso projeto, todavia, nunca foi realizado.

A academia foi, aos poucos, se esvaziando por morte ou mudança de domicílio de acadêmicos para outros estados. A partir de 1902, não há mais registro de sessões realizadas e a atividade da instituição resumia-se apenas à publicação anual de sua revista até 1914.

REORGANIZAÇÕES

No período de 115 anos de existência, a Academia Cearense de Letras sofreu três reorganizações, cujas causas serão abaixo analisadas. A primeira ocorreu em 1922, por iniciativa do então presidente do estado, Justiniano de Serpa, e do folclorista Leonardo Mota. Considerando que a sociedade estava com suas atividades suspensas havia oito anos, esses dois escritores lideraram o processo de reorganização. As seguintes iniciativas foram tomadas:

- o nome foi mudado para Academia Cearense de Letras;
- o número de vagas foi elevado para 40;
- foram convocados os 8 acadêmicos fundadores vivos que moravam no Ceará;
- passaram para sócios correspondentes os demais fundadores que permaneciam vivos e haviam mudado o domicílio para outros estados;
- foram convidados 32 novos escritores para completarem o quadro da instituição;
- criou-se a figura do patrono das cadeiras e, finalmente,
- mantiveram os mesmos critérios de escolha de novos sócios na vigência de aparecimento de vagas por morte ou mudança de domicílio.

O novo estatuto foi assinado no dia 17 de agosto e, a nova diretoria, empossada no dia 8 de setembro de 1922.

A academia funcionou por pouco tempo quando sofreu um novo processo de esvaziamento em decorrência da longa enfermidade e depois morte do presidente do estado Justiniano de Serpa, ocorrida em 1º de agosto de 1923. As reuniões, que aconteciam no Palácio do Governo, foram suspensas, alguns sócios mudaram seus domicílios para outros estados e vários faleceram. Nesse período, nenhum número da revista da ACL foi editado.

A segunda reorganização ocorreu em 1930 por iniciativa do presidente do estado Matos Peixoto e do acadêmico Valter Pompeu. Na elaboração dos estatutos, os critérios adotados foram praticamente os mesmos da organização anterior, quais sejam: o número de vagas permaneceria em quarenta sócios efetivos, as eleições seriam realizadas por escrutínio secreto e os candidatos deveriam ser escritores ou cientistas, cearenses ou de outros estados, com residência fixada no Ceará.

O grupo que liderava a nova reorganização, no dizer de Raimundo Girão, era composto de “moços de pensamentos mais livres, menos conservadores, um tanto *carbonários*”. Desse modo, dos vinte e sete remanescentes da reorganização de 1922, quinze foram excluídos do novo quadro da academia, entre outros, Guilherme Stuard, Alba Valdez, Leonardo Mota, Soares Bulcão e Quintino Cunha, os quais são conhecidos como os “injustiçados”. Essa fase prolongou-se até 1951, período em que foram eleitos para o sodalício somente cinco acadêmicos: Natanael Cortez, Alba Valdez, Leonardo Mota, Carlos de Oliveira Ramos e Epifânio Leite, sendo que este último não chegou a tomar posse.

Em 1951, os membros da Academia Cearense de Letras fizeram uma profunda modificação nos seus estatutos com o fim de absorver os remanescentes da Academia de Letras do Ceará, sociedade fundada no dia 9 de junho de 1930. O objetivo era acabar com a duplicação de academias que funcionavam em Fortaleza com a mesma finalidade. Após estudos de comissões, a fusão das duas entidades foi aprovada no dia 10 de maio. Nessa ocasião foram admitidos no sodalício doze novos acadêmicos, entre eles, Adonias Lima, Menezes Pimentel, Henriqueta Galeno, Perboyre e Silva, Manoel Albano Amora e Sidney Neto. Desde então, a academia não sofreu mais modificações e tem funcionado ininterruptamente até os dias atuais.

MOTIVOS DOS Esvaziamentos

O grande questionamento é saber os motivos pelos quais uma sociedade cultural, que tem se mostrado de grande utilidade para a fomentação da cultura e da educação no Ceará, sofreu, no passado, esses esvaziamentos, necessitando de reorganizações para a continuação de suas importantes atividades. Algumas causas podem ser analisadas:

MUDANÇA DO DOMICÍLIO DOS ACADÊMICOS PARA OUTROS ESTADOS – Até 1950 mais de 30 acadêmicos se transferiram para outros estados, fator que certamente contribuiu para o esvaziamento da academia. Foram variados os motivos desses deslocamentos. Franco Rabelo e Matos Peixoto o fizeram por questões políticas pois, na qualidade de presidentes depostos do governo, tiveram que deixar o estado do Ceará; outros acadêmicos foram para a então capital da República, o Rio de Janeiro, em virtude de transferências de seus cargos públicos federais; a maioria, entretanto, dirigiu-se para os centros mais avançados da Nação com o objetivo de desenvolverem melhor suas potencialidades intelectuais e econômicas. Era uma afirmação freqüente na época de “que iam para o Sul para vencerem na vida e terem melhores colégios para educação dos filhos”. Nesse particular, as cidades do Rio e São Paulo foram as mais procuradas.

Os estatutos de 1894 e 1952 previam a perda da condição de acadêmico para aqueles membros que ficassem ausentes da sociedade por mais de cinco anos ou que tivessem a mudança definitiva do domicílio para outro estado. Esse item, todavia, nunca foi cumprido à risca e muitos acadêmicos se mudaram para outros estados sem perderem a condição de acadêmico.

NÃO REPOSIÇÃO DAS VAGAS SURGIDAS – José Carlos da Costa Ribeiro Júnior foi o primeiro fundador da Academia Cearense a falecer. Aberto o processo sucessório concorreram para a vaga os poetas Rodrigues de Carvalho e Álvaro Martins, sendo eleito o primeiro. Na primeira fase da sociedade não houve outra eleição, apesar de outras vagas surgirem.

Na segunda reorganização, somente os cinco acadêmicos já referidos foram eleitos para repor as vagas existentes. A grande preocupação com a reposição imediata das vagas surgidas somente se fez sentir a partir de 1951, o que tem evitado novos processos de esvaziamento.

SEDES DA ACADEMIA: A Academia Cearense de Letras até a década de sessenta não possuía sede própria para realizar suas reuniões literárias ou guardar seus documentos administrativos e acervo bibliográfico. Os locais de reunião dos acadêmicos foram: o salão nobre da Fenix Caixeiral, o Clube Euterpe, o Instituto do Ceará, o Palácio do Governo, a residência de Valter Pompeu, a sede social do Clube Iracema, o Instituto Epitácio Pessoa, o solar de Dolor Barreira, a casa de Martinz de Aguiar e a Casa de Tomás Pompeu. Eduardo Campos, na sua profícua gestão como presidente do sodalício, adquiriu salas em um edifício comercial no centro da cidade, o Palácio Progresso, para o funcionamento da academia. Essa iniciativa provocou uma grande euforia entre os acadêmicos e deu um notável impulso nas atividades da sociedade. Em 1989, por falta de espaço para o acervo e para atividades culturais, o acadêmico e então presidente da Academia Cearense de Letras, Cláudio Martins, conseguiu do governador Tasso Jereissati, o Palácio da Luz, antiga sede do governo do estado do Ceará, para ser a sede da academia, o que permitiu o grande desenvolvimento institucional que ora se presencia.

Idêntico problema de sede aconteceu com outras academias. A Academia Brasileira de Letras, antes de se instalar no Petit Trianon, funcionou na redação da *Revista Brasileira*, no Pedagogium, no Ginásio Nacional de José Veríssimo, na Biblioteca Fluminense, no escritório de Rodrigo Otávio e no Silogeu Brasileiro. Deve ser lembrado que no período de agosto de 1899 a junho de 1900 a ABL ficou sem funcionar por falta de sede.

Em conclusão, acredito que esses fatores sociais devem ter contribuído para os esvaziamentos da Academia Cearense de Letras observados no passado.

Finalmente, é importante ressaltar que o funcionamento normal da academia ocorreu depois da década de cinqüenta, período em que se deu o advento das universidades no Ceará, as quais contribuíram, de modo decisivo, para a fixação de cientistas e homens de letras no nosso estado.

MEMBROS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. DADOS GERAIS

Cento e setenta e oito acadêmicos ingressaram na Academia Cearense de Letras, da fundação ao corrente ano. Este número é inferior ao da Academia Brasileira de Letras e superior ao do Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico que, num período aproximado de tempo, tiveram respectivamente 240 e 135 membros.

Apresentaremos alguns dados estatísticos da nossa instituição:

IDADE - De uma maneira geral, os acadêmicos fundadores entraram com menos idade na academia. O mais jovem, Valdemiro Cavalcante, tinha, na época da fundação, apenas 25 anos e o mais velho, Henrique Théberge, engenheiro militar que servira na Guerra do Paraguai, 57 anos. Entretanto, o mais novo de todos os acadêmicos a ingressar no sodalício foi Mozart Firmeza o qual contava 24 anos em 1930.

Quanto à sobrevida, notou-se uma tendência à longevidade entre os membros da Academia Cearense de Letras, sendo que 60% deles faleceram com mais de 70 anos. Os que morreram com mais idade foram: padre Misael Gomes, com 99 anos, Martins Filho, com 98 anos e Luis Sucupira, com 96 anos.

NATURALIDADE - De acordo com as normas estatutárias, um candidato a uma vaga de sócio da Academia Cearense de Letras deveria ter residência fixada no Ceará pelo prazo mínimo de dois anos, exceto os membros da Academia Brasileira de Letras nascidos no Ceará.

O estudo da naturalidade de 176 acadêmicos revelou que 145 nasceram no Ceará (82,4%), 29 em outros estados (16,5%) e 2 no estrangeiro (1,1%). Os sócios nascidos no estrangeiro foram o médico José Sombra Filho (Áustria) e o professor Carlos Neves d'Alge (Portugal), sendo que ambos obtiveram a cidadania brasileira. Os outros estados brasileiros que mais contribuíram para nosso sodalício foram: Piauí e Pernambuco.

Dos nascidos no Ceará, 44 eram de Fortaleza e 101, de outros municípios. Lavras da Mangabeira foi o município interiorano que deu mais representantes à academia.

SEXO – A Academia Cearense de Letras teve somente onze acadêmicas em 115 anos de existência, o que constitui 6,2% do total. No período da fundação, nenhuma escritora foi convidada para participar da nova sociedade mas, atualmente, seu quadro de acadêmicos conta com seis mulheres (15 %). Há pouco tempo eram oito acadêmicas (20%), faleceram Natércia Campos e Rachel de Queiroz. Comparando com a casa de Machado de Assis verifica-se que naquela instituição entre 240 acadêmicos somente seis (2,5%) são representantes do sexo feminino.

A primeira mulher a fazer parte da Academia Cearense de Letras foi a escritora Alba Valdez, que ingressou na instituição na reorganização de 1922. Possuía intensa atividade literária, tendo escrito vários livros e colaborado com jornais da cidade e de outros estados. Participou do Grêmio Literário e da Liga Feminina Independente, da qual foi presidente. Na reorganização ocorrida em 1930, não foi convidada para ser membro integrante da academia, fazendo parte do chamado grupo dos “injustiçados”. No entanto, graças a seu valor, em 1937 candidatou-se e foi eleita para ocupar a vaga deixada por Leiria de Andrade. Alba Valdez foi, portanto, uma das primeiras mulheres a entrar numa academia de Letras do Brasil.

Rachel de Queiroz, outra cearense, foi a primeira escritora a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Ela pertenceu também à nossa instituição, pois em 1994 foi eleita para a vaga deixada pelo contista Moreira Campos, cadeira 32, cujo patrono é Ulisses Pennafort. Tomou posse no dia 15 de agosto de 1994, por ocasião das festividades do primeiro centenário de fundação da Academia Cearense de Letras.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL – Um levantamento feito das profissões de 175 acadêmicos mostrou que 86 (49,5%) eram bacharéis em Direito, 26 autodidatas, 20 graduados em Letras e 18 médicos; as demais profissões tinham números menos expressivos. Vinte e seis acadêmicos iniciaram seus estudos humanísticos em seminários, sendo que seis abraçaram a vida sacerdotal, e os demais dirigiram suas atividades para outras áreas profissionais. Não foi possível avaliar quantos viveram exclusivamente das atividades literárias.

DESEMPENHO DOS MEMBROS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS – É muito difícil traduzir em números a atividade literária e científica dos membros da Academia Cearense de Letras. Todavia, após a leitura atenta das biografias dos membros do nosso sodalício, com análise de suas produções literárias e científicas, é possível ter uma idéia da extensão e da profundidade de conhecimento daqueles que pertenceram à casa de Tomás Pompeu. Abstraindo os atuais acadêmicos, pode-se citar algumas personalidades cujos trabalhos tiveram repercussão nacional como Antônio Sales, Rachel de Queiroz, Papi Júnior, padre Antônio Tomás, Farias Brito e Leonardo Mota.

DESEMPENHO POLÍTICO – É elevado o número de membros da Academia Cearense de Letras que ocuparam cargos políticos como secretários de governo, vereadores, deputados, senadores e governantes. Entre os dirigentes pode ser citado o acadêmico e deputado federal Mauro Benevides que, como presidente do Congresso Nacional, exerceu interinamente a presidência da República em 1992.

Foram presidentes, governadores e interventores do estado do Ceará, os seguintes acadêmicos:

- Franco Marcos Rabelo: presidente do estado de 14/07/1912 a 14/03/1914;
- Justiniano de Serpa, presidente do estado de 12/07/1920 a 12/07/1923;
- Matos Peixoto, último presidente do estado de 12/07/1928 a 08/10/1930;
- Fernandes Távora, interventor federal de 08/10/1930 a 13/06/1931;
- Francisco Menezes Pimentel, governador do estado de 26/05/1935 a 10/11/1937 e interventor federal de 26/11/37 a 03/11/1945;
- José Martins Rodrigues, interventor interino de 16/04/1938 a 18/07/1938;
- Manoel Antônio de Andrade Furtado, interventor federal interino em cinco ocasiões de 1939 a 1945;
- Beni Carvalho, interventor federal de 03/11/1945 a 10/01/1946;
- Tomás Pompeu Filho, interventor federal interino de 10/01/1946 a 21/01/1946;
- Carlos Livino de Carvalho, interventor federal interino de 22/03/1946 a 04/04/1946 e de 22/06/1946 a 01/07/1946;
- Luís Sucupira, interventor federal interino de 29/01/1947 a 02/02/1947;
- Plácido Aderaldo Castelo, governador por eleição indireta de 1966 a 1971;
- Lúcio Alcântara, governador eleito de 01/01/2003 a 01/01/2007.

Foram prefeitos da cidade de Fortaleza os acadêmicos:

- Raimundo Girão, de 1932 a 1934;
- Plácido Aderaldo Castelo, de 30/10/1945 a 17/11/1945;
- José Leite Maranhão, de 31/03/1947 a 15/04/1947;
- Alencar Araripe, prefeito interino quando presidente da Câmara Municipal;
- Lúcio Alcântara, de 15/03/1979 a 14/05/1982;
- Barros Pinho, de 25/06/1985 a 01/01/1986.

Fizeram ou fazem parte da Academia Cearense de Letras os seguintes senadores: Fernandes Távora, Menezes Pimentel, Mauro Benevides, Cid Carvalho e Lúcio Alcântara.

Necessário se faz um estudo mais profundo para poder determinar o número de deputados federais e estaduais, vereadores ou secretários de estado que pertenceram aos quadros de nossa instituição.

PRESIDENTES DE HONRA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Justiniano de Serpa	1922/1923
Matos Peixoto	1930/?
Antônio Sales	1937/1940
Tomás Pompeu Sobrinho	1952/1967
Antônio Martins Filho	1967/2002
Artur Eduardo Benevides	2005/

PRESIDENTES DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Tomás Pompeu	1894/1929
Antônio Sales	1930/1937
Tomás Pompeu Sobrinho	1937/1951
Dolor Barreira	1952/1954
Mário Linhares	1955/1956
Raimundo Girão	1957/1958
Andrade Furtado	1959/1960
Renato Braga	1961/1962
Antônio Martins Filho	1963/1964
Eduardo Campos	1965/1974
Cláudio Martins	1975/1992
Artur Eduardo Benevides	1993/2004
José Murilo Martins	2005/2009
Pedro Henrique S. Leão	2009/

DIRETORIA NO PERÍODO DE 2007/2009

Presidente:	José Murilo Martins
Vice-presidente:	Pedro Henrique Saraiva Leão
Secretário Geral:	Pedro Paulo Montenegro
Secretário Geral Adjunto:	Regine Limaverde
Diretor de Finanças:	Giselda Medeiros
Diretor Cultural:	Angela Gutiérrez
Diretor de Patrimônio:	Sânzio de Azevedo
Diretor de Publicações:	Noemi Elisa Aderaldo
Conselho Fiscal:	Costa Matos, Dimas Macedo e José Dias de Macedo (representante da comunidade).

DIRETORIA PARA O PERÍODO DE 2009/2011

Presidente:	Pedro Henrique Saraiva Leão
Vice-presidente:	José Maria Barros de Pinho
Secretário Geral:	Virgílio Maia
Secretário Geral Adjunto:	Horácio Dídimo
Diretor de Finanças:	Giselda Medeiros
Diretor Cultural:	Angela Gutiérrez
Diretor de Patrimônio:	Sânzio de Azevedo
Diretor de Publicações:	Noemi Elisa Aderaldo
Conselho Fiscal:	Costa Matos (depois Genuíno Sales), Dimas Macedo e José Dias de Macedo (representante da comunidade).

PATRONOS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Os fundadores da Academia Cearense não elegeram patronos para suas cadeiras, apesar do assunto haver sido aventado na sessão ocorrida em 17 de maio de 1897. A figura do patrono, no entanto, só foi instituída em 1922, no período da primeira reorganização da sociedade, ocasião em que somente 33 foram escolhidos entre cientistas e importantes homens de letras do Ceará. No decurso da segunda reorganização alguns patronos foram substituídos por outros e, no dia 17 de outubro de 1936, por sugestão da Federação das Academias de Letras do Brasil, eles foram dispostos em ordem alfabética. Nova modificação no quadro patronal ocorreu em 1951, quando a Academia de Letras do Ceará fundiu-se com a Academia Cearense de Letras. A partir de 1951, não houve mais modificação nesse importante quadro do sodalício.

Tivemos um total de 58 patronos sendo que somente 19 pertenceram às três reorganizações. É interessante notar que nenhum deles ocupou a mesma cadeira nas diferentes fases da ACL. Atualmente 18 importantes personalidades cearenses não pertencem mais ao quadro patronal da sociedade.

Eis a relação dos patronos da Academia Cearense de Letras no período de 1922 à atualidade:

PATRONOS	ORG. 1922	ORG. 1930	ATUAL
ADOLFO FERREIRA CAMINHA	CAD. 5	CAD. 1	CAD. 1
AGAPITO DOS SANTOS	-	CAD. 2	-
ALBERTO NEPOMUCENO	CAD. 30	-	-
ÁLVARO DIAS MARTINS	CAD. 8	CAD. 3	CAD. 2
ANTÔNIO AUGUSTO DE VASCONCELOS	-	CAD. 4	CAD. 3
ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES	CAD. 11	CAD. 5	CAD. 4
ANTÔNIO IBIAPINA	CAD. 14	-	-

ANTÔNIO MARTINS	CAD. 15	-	-
ANTÔNIO PAPI JÚNIOR	-	-	CAD. 5
ANTÔNIO POMPEU S. BRASIL	-	CAD. 6	CAD. 6
ANTÔNIO TIBÚRCIO, GENERAL	CAD. 19	-	-
CLÓVIS BEVILÁQUA	-	-	CAD. 7
DOMINGOS OLÍMPIO B. CAVALCANTE	CAD. 31	CAD. 9	CAD. 8
FAUSTO CARLOS BARRETO	CAD. 6	CAD. 11	CAD. 9
GONÇALO I. L. A. M. MORORÓ, PADRE	-	CAD. 25	CAD. 10
GUILHERME STUDART, BARÃO	-	-	CAD. 11
HERÁCLITO A. PEREIRA DA GRAÇA	CAD. 24	CAD. 13	CAD. 12
JERÔNIMO TOMÉ DA SILVA, D.	-	CAD. 14	CAD. 13
JOÃO BRÍGIDO DOS SANTOS	CAD. 28	CAD. 15	CAD. 14
JOÃO CAPISTRANO DE ABREU	-	CAD. 8	CAD. 15
JOÃO FRANKLIN S. TÁVORA	CAD. 32	CAD. 12	CAD. 16
JOÃO MOREIRA	-	CAD. 16	-
JOAQUIM DE OLIVEIRA CATUNDA	CAD. 4	CAD. 17	CAD. 17
JOAQUIM JOSÉ VIEIRA, D.	-	CAD. 18	-
JOSÉ ANTÔNIO IBIAPINA, PADRE	CAD. 16	-	-
JOSÉ AVELINO	CAD. 17	-	-
JOSÉ CARDOSO DE MOURA BRASIL	-	CAD. 26	CAD. 18
JOSÉ DE ABREU ALBANO	-	CAD. 19	CAD. 19
JOSÉ LIBERATO BARROSO	CAD. 7	CAD. 21	CAD. 20
JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR	CAD. 1	CAD. 20	CAD. 21
JOSÉ SOMBRA, PAI	CAD. 23	-	-
JUSTINIANO DE SERPA	-	CAD. 22	CAD. 22
JUVENAL GALENO DA COSTA E SILVA	-	-	CAD. 23
LÍVIO BARRETO	CAD. 10	CAD. 23	CAD. 24
LUIS MIRANDA	CAD. 40	-	-
MANUEL DE OLIVEIRA PAIVA	-	CAD. 27	CAD. 25
MANUEL SOARES DA SILVA BEZERRA	CAD. 18	-	CAD. 26
MANUEL SORIANO DE ALBUQUERQUE	-	CAD. 35	CAD. 27
MÁRIO DA SILVEIRA	-	CAD. 24	CAD. 28
MARTINHO RODRIGUES	CAD. 13	-	-
OLIVEIRA SOBRINHO, A.	CAD. 21	-	-
OTO DE ALENCAR	-	CAD. 28	-
PAULA NEI	CAD. 22	-	-
PAULINO NOGUEIRA B. DA FONSECA	CAD. 2	CAD. 29	CAD. 29
POMPÍLIO CRUZ	-	CAD. 31	-

RAIMUNDO ANTÔNIO DA ROCHA LIMA	CAD. 27	CAD. 32	CAD. 30
RAIMUNDO FARIAS BRITO	CAD. 29	CAD. 10	CAD. 31
RAIMUNDO ULISSES PENNAFORT, CON.	-	CAD. 39	CAD. 32
RODOLFO MARCOS TEÓFILO	-	-	CAD. 33
SAMUEL FELIPE DE SOUSA UCHOA	-	CAD. 34	CAD. 34
TOMÁS POMPEU DE SOUSA BRASIL	-	CAD. 38	CAD. 35
TOMÁS POMPEU, SENADOR	CAD. 3	CAD. 30	CAD. 36
TOMÁS POMPEU LOPES FERREIRA	CAD. 9	CAD. 37	CAD. 37
TIBÚRCIO RODRIGUES	-	CAD. 36	CAD. 38
TRISTÃO DE ARARIPE	CAD. 20	-	-
TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE JR.	CAD. 12	CAD. 7	CAD. 39
VALDEMIRO CAVALCANTE	CAD. 25	CAD. 40	-
VICENTE C. F. DE SABÓIA, VISCONDE	CAD. 26	CAD. 33	CAD. 40

ABREVIACÕES: ORG. 1922: Patronos escolhidos no período da reorganização ocorrida em 1922 – ORG. 1930: Patronos escolhidos no período da reorganização ocorrida em 1930, colocados em ordem alfabética no dia 17 de outubro de 1936 - ATUAL: Patronos escolhidos em 1951 e que continuam até os dias atuais – CAD.: Cadeira do patrono no período indicado.

RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS POR ORDEM ALFABÉTICA COM ANO DE INGRESSO NA INSTITUIÇÃO E CADEIRA(S) OCUPADA(S)

- 1 – ABELARDO F. MONTENEGRO – ING. 1951, CAD. 10.
- 2 – ADAUTO FERNANDES – ING. 1930, CAD. 30.
- 3 – ADERBAL SALES – ING. 1974, CAD. 8.
- 4 – ADOLFO LUNA FREIRE – ING. 1894, FUNDADOR.
- 5 – ADONIAS LIMA – ING. 1ª. VEZ: 1922, CAD. 37 E 2ª.VEZ: 1951, CAD. 27.
- 6 – ALBA VALDEZ – ING. 1ª. VEZ: 1922, CAD. 8 E 2ª. VEZ: 1937, CAD. 22.
- 7 – ALBERTO OLIVEIRA – ING. 1994, CAD. 35.
- 8 – ALCÂNTARA BILHAR – ING. 1894, FUNDADOR.
- 9 – ALENCAR ARARIPE, J. C. – ING. 1967, CAD. 12.
- 10 – ALENCAR MATOS – ING. 1951, CAD. 9.
- 11 – ALF. CASTRO – ING. 1922, CAD. 5.
- 12 – ÁLVARO DE ALENCAR – ING. 1894, FUNDADOR E 1922, CAD. 17.
- 13 – ÁLVARO MENDES – ING. 1894, FUNDADOR.
- 14 – AMORA MACIEL – ING. 1930, CAD. 2.
- 15 – ANDRADE FURTADO – ING. 1922, CAD. 18 E 1951, CAD. 26.
- 16 – ANGELA GUTIÉRREZ – ING. 1997, CAD. 18
- 17 – ANTONINO FONTENELE – ING. 1894, FUNDADOR E 1922, CAD. 7.
- 18 – ANTÔNIO AUGUSTO – ING. 1894, FUNDADOR E 1922, CAD. 4.

- 19 – ANTÔNIO BEZERRA – ING. 1894, FUNDADOR.
- 20 – ANTÔNIO DRUMOND – ING. 1922, CAD. 20.
- 21 – ANTÔNIO FURTADO – ING. 1930, CAD. 5.
- 22 – ANTÔNIO GIRÃO BARROSO – ING. 1964, CAD. 18.
- 23 – ANTÔNIO SALES – ING. 1922, CAD. 33 E 1930, CAD. 20.
- 24 – ANTÔNIO TEODORICO – ING. 1894, FUNDADOR; 1922, CAD. 28; 1930, CAD. 16.
- 25 – ANTÔNIO TOMÁS, PADRE – ING. 1922, CAD. 40.
- 26 – ARGOS VASCONCELOS – ING. 1990, CAD. 35.
- 27 – ARTUR EDUARDO BENEVIDES – ING. 1957, CAD. 40.
- 28 – BARROS PINHO – ING. 1986, CAD. 14.
- 29 – BATISTA DE LIMA – ING. 1998, CAD. 2.
- 30 – BEATRIZ ALCÂNTARA – ING. 1994, CAD. 16.
- 31 – BENEDITO SIDOU – ING. 1894, FUNDADOR.
- 32 – BENI CARVALHO – ING. 1922, CAD. 30 E 1930, CAD. 39.
- 33 – BRAGA MONTENEGRO – ING. 1951, CAD. 15.
- 34 – CÂNDIDA GALENO – ING. 1960, CAD. 35.
- 35 – CARLOS AUGUSTO VIANA – ING. 2003, CAD. 3.
- 36 – CARLOS CÂMARA – ING. 1922, CAD. 9.
- 37 – CARLOS D'ALGE – ING. 1980, CAD. 36.
- 38 – CARLOS DE OLIVEIRA RAMOS – ING. ?, CAD. 40.
- 39 – CARLOS STUDART FILHO – ING. 1930, CAD. 29.
- 40 – CARLYLE MARTINS – ING. 1951, CAD. 25.
- 41 – CARVALHO JÚNIOR – ING. 1930, CAD. 11.
- 42 – CÉSAR ASFOR ROCHA – ING. 2008, CAD. 22.
- 43 – CÉSAR BARROS LEAL – ING. 1993, CAD. 27.
- 44 – CID CARVALHO – ING. 1980, CAD. 20.
- 45 – CLÁUDIO MARTINS – ING. 1969, CAD. 31.
- 46 – CLODOALDO PINTO – ING. 1930, CAD. 21 E 1951, CAD. 20.
- 47 – COSTA MATOS – ING. 1992, CAD. 29.
- 48 – CRUZ FILHO – ING. 1922, CAD. 27; 1930, CAD. 7 E 1951, CAD. 39.
- 49 – CURSINO BELÉM – ING. 1ª VEZ: 1922, CAD. 12 E 2ª VEZ, 1957, CAD. 31.
- 50 – DEMÓCRITO ROCHA – ING. 1930, CAD. 25.
- 51 – DENIZARD MACEDO – ING. 1974, CAD. 34.
- 52 – DIMAS MACEDO – ING. 1989, CAD. 11.
- 53 – DOLOR BARREIRA – ING. 1930, CAD. 34.
- 54 – DRUMOND DA COSTA – ING. 1894, FUNDADOR.
- 55 – DURVAL AIRES – ING. 1972, CAD. 27.
- 56 – EDUARDO CAMPOS – ING. 1952, CAD. 22.
- 57 – EDUARDO DIATHAY BEZERRA DE MENEZES – ING. 1997, CAD. 5.
- 58 – EDUARDO SALGADO – ING. 1894, FUNDADOR.
- 59 – EDUARDO STUDART – ING. 1894, FUNDADOR.
- 60 – ELIAS MALLMANN – ING. 1930, CAD. 23.
- 61 – EMÍDIO BARBOSA – ING. 1930, CAD. 40.

POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

- 62 - EPIFÂNIO LEITE – CAD. 27 (NÃO TOMOU POSSE).
 63 – ERMÍNIO DE ARAÚJO – ING. 1930, CAD. 1.
 64 - F. ALVES DE ANDRADE – ING. 1970, CAD. 6.
 65 – F. ALVES LIMA – ING. 1894, FUNDADOR.
 66 - F. S. NASCIMENTO – ING. 1973, CAD. 38.
 67 - FARIAS BRITO – ING. 1894, FUNDADOR.
 68 – FERNANDES TÁVORA – ING. 1922, CAD. 31; 1930, CAD. 9 E 1951, CAD. 8.
 69 - FERREIRA DOS SANTOS – ING. 1922, CAD. 24.
 70 – FIGUEIREDO FILHO – ING. 1968, CAD. 34.
 71 – FILGUEIRAS LIMA – ING. 1951, CAD. 21.
 72 – FLORIVAL SERAINE – ING. 1965, CAD. 23
 73 – FRAN MARTINS – ING. 1951, CAD. 5.
 74 – FRANCISCO CARVALHO – ING. 1996, CAD. 31.
 75 – FRANCISCO PRADO – ING. 1922, CAD. 25.
 76 – FRANCO RABELO – ING. 1894, FUNDADOR.
 77 – GASTÃO JUSTA – ING. 1951, CAD. 24.
 78 – GENUINO SALES – ING. 2006, CAD. 9.
 79 – GERALDO FONTENELE – ING. 1991, CAD. 18.
 80 – GISELDA MEDEIROS – ING. 2000, CAD. 28.
 81 – GUILHERME STUDART (BARÃO) – ING. 1894, FUNDADOR E 1922, CAD. 2.
 82 – HENRIQUE THÉBERGE – ING. 1894, FUNDADOR.
 83 – HENRIQUETA GALENO – ING. 1951, CAD. 23.
 84 – HORÁCIO DÍDIMO - ING. 1987, CAD. 8.
 85 – HUGO CATUNDA – ING. 1951, CAD. 36.
 86 – ITAMAR ESPINDOLA – ING. 1982, CAD. 29.
 87 – JÁDER DE CARVALHO – ING. 1930, CAD. 15 E 1951, CAD. 14.
 88 – JOÃO CLÍMACO BEZERRA – ING. 1953, CAD. 9.
 89 – JOÃO DA FROTA, PADRE – ING. 1922, CAD. 35.
 90 – JOÃO JACQUES – ING. 1967, 28.
 91 – JOAQUIM ALVES – ING. 1951, CAD. 11.
 92 – JOARYVAR MACEDO – ING. 1983, CAD. 4.
 93 – JOEL LINHARES – ING. 1930, CAD. 12 E 1951, CAD. 16.
 94 – JORGE DE SOUZA – ING. 1922, CAD. 14.
 95 – JOSAPHAT LINHARES – ING. 1930, CAD. 32 E 1951, CAD. 30.
 96 – JOSÉ DE BARCELOS – ING. 1894, FUNDADOR.
 97 – JOSÉ CARLOS JÚNIOR – ING. 1894, FUNDADOR.
 98 – JOSÉ SOMBRA FILHO – ING. 1922, CAD. 23 E 1930, CAD. 28.
 99 – JOSÉ DOMINGUES FONTENELE – ING. 1894, FUNDADOR.
 100 – JOSÉ LINO DA JUSTA – ING. 1922, CAD. 15.
 101 – JOSÉ MARTINS RODRIGUES – ING. 1930, CAD. 36.
 102 – JOSÉ MURILO MARTINS – ING. 1991, CAD. 4.
 103 – JOSÉ REBOUÇAS MACAMBIRA- ING. 1980, CAD. 39.
 104 – JOSÉ VALDIVINO – ING. 1953, CAD. 11.

- 105 – JUAREZ LEITÃO – ING. 1996, CAD. 19.
 106 – JÚLIO IBIAPINA – ING. 1922, CAD. 16.
 107 – JÚLIO MACIEL – ING. 1922, CAD. 38; 1930, CAD. 24 E 1951, CAD. 28.
 108 – JUSTINIANO DE SERPA – ING. 1894, FUNDADOR E 1922, CAD. 1.
 109 – LEIRIA DE ANDRADE – ING. 1922, CAD. 26 E 1930, CAD. 22.
 110 – LEITE MARANHÃO – ING. 1951, CAD. 31.
 111 – LEONARDO MOTA – ING. 1ª. VEZ: 1922, CAD. 32 E 2ª. VEZ: 1937, CAD. 28.
 112 – LINHARES FILHO – ING. 1980, CAD. 30.
 113 – LIVINO DE CARVALHO – ING. 1951, CAD. 35.
 114 – LUCIANO MAIA – ING. 1999, CAD. 23.
 115 – LÚCIO ALCÂNTARA – ING. 1978, CAD. 26.
 116 – LUÍS SUCUPIRA – ING. 1930, CAD. 3 E 1951, CAD. 2.
 117 – MANFREDO RAMOS – ING. 2000, CAD. 13.
 118 – MANOEL ALBANO AMORA – ING. 1951, CAD. 37.
 119 – MÁRIO LINHARES – ING. 1952, CAD. 7.
 120 – MARLY VASCONCELOS – ING. 1990, CAD. 7.
 121 – MARTINS FILHO – ING. 1951, CAD. 3.
 122 – MARTINZ DE AGUIAR – ING. 1930, CAD. 19.
 123 – MATOS PEIXOTO – ING. 1922, CAD. 29 E 1930, CAD. 10.
 124 – MAURO BENEVIDES – ING. 1992, CAD. 39.
 125 – MENEZES PIMENTEL – ING. 1951, CAD. 38.
 126 – MILTON DIAS – ING. 1966, CAD. 4.
 127 – MISAEL GOMES, PADRE – ING. 1930, CAD. 14 E 1951, CAD. 13.
 128 – MONTE ARRAIS – ING. 1930, CAD. 38.
 129 – MOREIRA CAMPOS – ING. 1962, CAD. 32.
 130 – MOREIRA DE AZEVEDO – ING. 1922, CAD. 39.
 131 – MOZART FIRMEZA – ING. 1930, CAD. 37.
 132 – MOZART PINTO DAMASCENO – ING. 1930, CAD. 31.
 133 – MOZART SORIANO ADERALDO – ING. 1958, CAD. 19.
 134 – NAPOLEÃO MAIA FILHO – ING. 2004, CAD. 32.
 135 – NATANAEL CORTEZ – ING. 1931, CAD. 13 E 1951, CAD. 12.
 136 – NATÉRCIA CAMPOS – ING. 2002, CAD. 6.
 137 – NERTAN MACEDO – ING. 1966, CAD. 7.
 138 – NEWTON GONÇALVES – ING. 1979, CAD. 16.
 139 – NOEMI ELISA ADERALDO – ING. 1988, CAD. 33.
 140 – OSMUNDO PONTES – ING. 1989, CAD. 21.
 141 – OTACÍLIO COLARES – ING. 1966, CAD. 33.
 142 – OTACÍLIO DE AZEVEDO – ING. 1969, CAD. 26.
 143 – OTÁVIO LOBO – ING. 1922, CAD. 11; 1930, CAD. 26 E 1951, CAD. 18.
 144 – PAPI JÚNIOR – ING. 1922, CAD. 34 E 1930, CAD. 27.
 145 – PAULO BONAVIDES – ING. 1970, CAD. 17.
 146 – PEDRO HENRIQUE SARAIVA LEÃO – ING. 1986, CAD. 25.
 147 – PEDRO PAULO MONTENEGRO – ING. 1970, CAD. 24.

- 148 – PEDRO DE QUEIRÓS – ING. 1894, FUNDADOR.
 149 – PERBOYRE E SILVA – ING. 1951, CAD. 33.
 150 – PLÁCIDO ADERALDO CASTELO – ING. 1975, CAD. 39.
 151 – PONTES VIEIRA, J. J. – ING. 1930, CAD. 4.
 152 – QUINTINO CUNHA – ING. 1922, CAD. 22.
 153 – RACHEL DE QUEIROZ – ING. 1994, CAD. 32.
 154 – RAIMUNDO ARRUDA – ING. 1894, FUNDADOR E 1922, CAD. 19.
 155 – RAIMUNDO GIRÃO – ING. 1951, CAD. 4 E 1966, CAD. 21.
 156 – RAIMUNDO FRANCISCO RIBEIRO – ING. 1922, CAD. 21.
 157 – REGINE LIMAVERDE – ING. 1996, CAD. 21.
 158 – RENATO BRAGA – ING. 1930, CAD. 17.
 159 – RIBEIRO RAMOS, JOÃO – ING. 1985, CAD. 13.
 160 – RIBEIRO RAMOS, J. W. – ING. 1951, CAD. 32.
 161 – RODOLFO TEÓFILO – ING. 1922, CAD. 36.
 162 – RODRIGUES DE CARVALHO – ING. 1897, SEM CADEIRA.
 163 – SADOC DE ARAÚJO, FRANCISCO – ING. 1980, CAD. 15.
 164 – SALES CAMPOS – ING. 1922, CAD. 10.
 165 – SÂNZIO DE AZEVEDO – ING. 1973, CAD. 1.
 166 – SIDNEY NETO – ING. 1951, CAD. 1.
 167 – SOARES BULCÃO – ING. 1922, CAD. 13.
 168 – TEOBERTO LANDIM – ING. 1991, CAD. 37.
 169 – TEODORO CABRAL – ING. 1930, CAD. 35.
 170 – TOMÁS POMPEU – ING. 1894, FUNDADOR E 1922, CAD. 3.
 171 – TOMÁS POMPEU FILHO – ING. 1930, CAD. 33 E 1951, CAD. 40.
 172 – TOMÁS POMPEU SOBRINHO – ING. 1922, CAD. 6.
 173 – VALDEMIRO CAVALCANTE – ING. 1894, FUNDADOR.
 174 – VALDIVINO NOGUEIRA, PADRE – ING. 1894, FUNDADOR.
 175 – VALTER POMPEU – ING. 1930, CAD. 8.
 176 – VINÍCIUS BARROS LEAL – ING. 1984, CAD. 34.
 177 – VIRGÍLIO DE MORAIS – ING. 1894, FUNDADOR.
 178 – VÍRGÍLIO MAIA – ING. 2004, CAD. 6.

ABREVIACÕES: ING.: ano de ingresso na academia; CAD.: cadeira(s) ocupada(s).